

Contribuições da pesquisa sobre percepção extrassensorial de J. B. Rhine para o conceito de sincronicidade de C. G. Jung

Contributions of J. B. Rhine's research of extrasensory perception to C. G. Jung's concept of synchronicity

Prof. Dr. Pedro Henrique Costa de Resende*
Prof. Dr. Alexander Moreira-Almeida**

Resumo

O pesquisador americano Joseph Banks Rhine (1895 – 1980) e o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875 – 1961) foram contemporâneos, o interesse mútuo de pesquisa levou os dois autores a estabelecerem uma troca de correspondências a partir de 1934, que duraria as duas décadas seguintes. A partir desse diálogo importantes repercussões teóricas ocorreram no trabalho dos dois autores, especialmente, em relação a Jung. Em nossa metodologia analisamos as obras de Rhine e de Jung, com destaque para o impacto dos experimentos sobre percepção extrassensorial (PES) sobre o trabalho de Jung de 1952, *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*. Apesar das controvérsias existentes sobre o conceito de sincronicidade, com alguns autores estabelecendo que PES e sincronicidade são eventos distintos, o autor suíço estabelece de forma clara três categorias ou facetas de seu conceito, duas delas incluindo a PES.

Palavras-chave: J. B. Rhine. Percepção extrassensorial. C. G. Jung. Sincronicidade. Psicologia analítica.

Abstract

The American researcher Joseph Banks Rhine (1895 – 1980) and the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung (1875 – 1961) were contemporaries, the mutual interest in research led the two authors to establish an exchange of letters from 1934, which would last the next two decades. From this dialogue, important theoretical repercussions occurred in the work of the two authors, especially in relation to Jung. In our methodology we analyze the works of Rhine and Jung, with emphasis on the impact of experiments on extrasensory perception (ESP) on Jung's 1952 work, *Synchronicity: A Principle of Acausal Connections*. Despite existing controversies about Jung's concept, with some authors establishing that ESP and synchronicity are distinct events, the Swiss author clearly establishes three categories or aspects of his concept, two of which include ESP.

Keywords: J.B. Rhine. Extrasensory perception. C.G. Jung. Synchronicity. Analytical psychology.

Artigo submetido em 26 de agosto de 2021 e aprovado em 27 de abril de 2023.

* Doutor em Psicologia pela UFJF. Pós-doutorando da UFJF. País de origem: Brasil. Orcid: 0000-0001-6313-7870. E-mail: pedrohenriresende@icloud.com.

** Pós-doutor em Psicologia pela Duke University. Doutor em Psiquiatria pela USP. Professor da UFJF. País de origem: Brasil. Orcid: 0000-0002-9135-2532. E-mail: alex.ma@medicina.ufjf.br.

Introdução

O pesquisador americano Joseph Banks Rhine (1895 – 1980) e o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875 – 1961) foram contemporâneos, o interesse mútuo de pesquisa levou os dois autores a estabelecerem uma troca de correspondências a partir de 1934, que duraria as duas décadas seguintes. A partir desse diálogo importantes repercussões teóricas ocorreram no trabalho dos dois autores, especialmente, em relação a Jung. Em nossa metodologia analisamos as obras de Rhine e de Jung e, destacamos, que o estudo de Rhine e seus colaboradores sobre a "percepção independente da função dos sentidos conhecidos" ¹ (RHINE, 1934, p. 3, tradução nossa) foi fundamental para a formulação do conceito de sincronicidade, conforme exposto na obra de Jung (1952), *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*.

O conceito de sincronicidade ainda não se encontra suficientemente esclarecido, sendo causa de muitas controvérsias, por um lado uma parcela expressiva dos estudiosos da obra de Jung e de sua psicologia analítica diminuem a importância da associação entre PES e sincronicidade, ou as analisam como fenômenos distintos (COLMAN, 2012; GIEGERICH, 2012; MANSFIELD, 1998; MANSFIELD; RHINE-FEATHER; HALL, 1998), por outro lado, devido a sua popularidade, o conceito é também utilizado de forma não criteriosa e em relação a quaisquer coincidências.

Jung (1952/1975), no entanto, estabelece de forma clara três categorias ou facetas presentes dentro de seu conceito: 1) a sincronicidade por semelhança ou correspondência síncrona entre um evento subjetivo e em evento externo, objetivo. E duas categorias que poderiam incluir elementos de percepção extrassensorial: 2) sincronicidade como correspondência de um estado psíquico com evento externo fora do campo de percepção sensorial do indivíduo, que pode ser entendido como telepatia (comunicação mente a mente) ou clarividência (aquisição de informações de forma anômala) e; 3) sincronicidade como associação entre um estado psíquico e evento futuro / precognição. Este último se torna especialmente significativo, pois nele está contida a suposição da

¹ Perception without the function of the recognized senses.

superação psíquica de tempo e espaço, elementos muito importantes para Jung em sua construção teórica.

1 Joseph Banks Rhine e a pesquisa sobre percepção extrassensorial (PES)

Joseph Banks Rhine nasceu na cidade de Waterloo, estado da Pensilvânia, nos EUA. Sua formação foi em biologia, doutorando-se na mesma área na universidade de Chicago (MACKENZIE, 1981). Foi casado com a Dra. Louisa Ella Rhine, que o acompanhou em muitas de suas pesquisas. Louisa Rhine também desenvolveu estudos independentes na área da parapsicologia, trazendo contribuições significativas para o campo (RHINE, 1953; 1966; 1981).

Rhine atuou, inicialmente, em um instituto de botânica de Nova York, passando em seguida a lecionar na Universidade de Harvard. Em 1927 foi convidado pelo professor William McDougall, psicólogo interessado em fenômenos parapsíquicos, a integrar a equipe do departamento de psicologia da Universidade de Duke, na Carolina do Norte. As pesquisas iniciais de Rhine sobre eventos incomuns buscavam evidências da sobrevivência da consciência após a morte, através da avaliação de alegadas capacidades mediúnicas de sujeitos experimentais. Uma das médiuns mais pesquisadas por ele foi a jovem irlandesa Eileen Garrett, no entanto, devido aos resultados inconclusivos dessas experiências, Rhine percebe a necessidade de compreender o funcionamento alterado da mente em certas situações em que os sentidos físicos não estivessem primariamente envolvidos, a chamada percepção extrassensorial (PES) (RHINE, 1937/1972).

Em parceria com Karl Zener ele desenvolveu uma metodologia de condução de experimentos sobre PES, especialmente, a clarividência, através das *Zener Cards*. O método utilizado até hoje consiste de um baralho com 25 cartas, com cinco desenhos geométricos diferentes. As cartas são embaralhadas e o indivíduo testado tem 25 tentativas para descobrir o conteúdo das imagens nas cartas. Cinco acertos é considerado obra do acaso, a partir de seis acertos é menor a chance de acaso. Com o aumento das tentativas, o número de acertos de alguns sujeitos experimentais superou a expectativa. “Em estatística quando se chega a chances de acaso menores do que 1:100 – uma vez em cem – considera-se a

chance de acaso excluída, ou o experimento como estatisticamente significativo.” (SCHNEIDER, 2005, p. 261).

Em seu livro *Extra Sensory Perception*, Rhine (1934) apresenta uma grande parte dos resultados dos anos iniciais de suas pesquisas. A obra fez muito sucesso, sendo reeditada várias vezes em períodos subsequentes. Rhine (1934) busca estabelecer algumas regras conceituais. Ele prefere definir sua área de pesquisa como parapsicologia, termo que era mais utilizado naquele momento pelos pesquisadores alemães, e dentro desse campo geral poderiam ser encontradas cinco classes de eventos: A) *parapsychical*, que inclui telepatia (comunicação mente a mente), clarividência (aquisição de informações fora do campo de percepção do observador), precognição (aquisição de informações do futuro), e comunicações com espíritos; B) *parapsychophysical*, telecinese ou psicocinese (atuação direta da mente sobre a matéria) e aportes (aparecimento espontâneo de objetos em ambientes); C) *parapsychophysiological*, materializações (aparecimento de matéria supostamente não existente anteriormente), alongamentos do corpo, estigmatização (marcas corporais ou sinais que surgem de forma repentina) e alterações da temperatura corporal pela vontade. D) *parapsychopathological*, possessão e cura psíquica de doenças corporais, para além da sugestão. E) *parapsycholiterary* ou *parapsychoartistic*, criação de escrita ou de arte, que não são resultado de treinamentos ou preparação prévios.

Rhine (1934) destaca que em seu livro ele estaria, principalmente, ocupado com os fenômenos da categoria *parapsychical*, com alguns casos que possuíam interfaces com o *parapsychophysical* e o *parapsychophysiological*. No entanto, nesse momento, ele excluiria os fenômenos nos quais estivessem presentes possíveis conexões com espíritos. A questão norteadora de sua obra poderia ser resumida da seguinte forma: é possível, de forma repetida, obter resultados significativos quando sujeitos experimentais são testados sobre o conhecimento ou reação a estímulos externos (não conhecidos ou não inferidos por esse sujeito), sob condições que certamente excluem o uso do processo sensorial conhecido? Ao que Rhine (1934; 1940) responde que pela quantidade de evidências reunidas era possível afirmar com segurança que sim. No entanto, a cada questão

respondida outras são propostas como: qual a história natural desses eventos? Sua duração, intensidade, aplicabilidade? E o que parece ser mais essencial: qual a natureza ou o princípio explicativo fundamental desse modo extrassensorial de percepção? Em cada parte de sua obra há tentativas de explicação para essas questões.

Extra Sensory Perception é dividida em três partes. Nos capítulos pertencentes à primeira parte, Rhine (1934) busca esclarecer a situação do problema e apresenta um *background* histórico sobre as pesquisas parapsicológicas. Na parte II são apresentados os resultados de experiências em geral e algumas pesquisas específicas, como os estudos de caso de Adam J. Linzmayer, um estudante de economia da Universidade de Duke, que atingiu altos escores de acertos na verificação das *Zener Cards* e Hubert E. Pearce Jr., que atingiu, posteriormente, acertos ainda maiores. Por fim, na parte III, explanação e discussão, Rhine discute sobre as hipóteses alternativas a explicação de PES, as influências fisiológicas e psicológicas sobre os fenômenos, além de avaliações gerais sobre PES na parapsicologia (RHINE, 1934).

Em 1935 Rhine funda o *Duke Parapsychology Laboratory*, que se tornou independente da Universidade de Duke, com todo o acervo e histórico dos seus experimentos. Junto com sua esposa, Louise Rhine, e seus colaboradores J. G. Pratt, H. Lundholm e Karl E. Zener, ele realizou milhares de experiências alcançando resultados de significância para a percepção extrassensorial, tornando-se a referência mundial em estudos de PES nas décadas seguintes (RHINE-FEATHER; ENSRUD, 2018).

Em seus livros subsequentes como *New Frontiers of Mind* (1937) e *The Reach of the Mind* (1947), Rhine destaca que a mente pode escapar aos limites corporais em certas circunstâncias. Nesse sentido haveria uma distinção entre a mente e a matéria, em uma espécie de dualismo interacionista (ALVARADO, 2012). Rhine se referia a própria parapsicologia como uma ciência de natureza não física, pois em seus experimentos as capacidades como a telepatia, a clarividência e a precognição, não se enquadravam nas regras de espaço, tempo e massa da física tradicional (RHINE; PRATT; STUART; SMITH; GREENWOOD, 1966).

Através de suas pesquisas Rhine argumentou em favor de um princípio orientador e separado do físico, mas que está em constante interação com o corpo. Em 1965, como professor jubilado, Rhine deixa a universidade de Duke e passa a integrar a equipe da *Foundation for Research on the Nature of Man (FRNM)*, instituição formada em 1962. Todos os arquivos da *Duke Parapsychology Laboratory* são transferidos para o *Institute of Parapsychology* da fundação. Rhine faleceu em 20 de fevereiro de 1980, em sua casa em Hillsborough, Carolina do Norte (AIZPURUA, 1986; RHINE-FEATHER; ENSRUD, 2018).

2 Diálogos entre C. G. Jung e J. B. Rhine

C. G. Jung esteve envolvido com o que poderia ser classificado como paranormal do início ao fim de sua vida (BAIR, 2003a; JAFFÉ, 1989/2014). Main (1997; 2007) destaca que esse envolvimento foi crucial para o desenvolvimento pessoal e profissional de Jung. A maior parte de suas formulações teóricas foram influenciadas por suas experiências, assim como, por casos semelhantes que ele acompanhou em sua prática clínica (CHARET, 1993). Da mesma forma, o pensador suíço buscou referências científicas que pudessem embasar sua proposta, parte significativa desse suporte ele encontrou nos trabalhos de J. B. Rhine. Na obra de 1952, *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*, encontramos a culminância do engajamento pessoal e profissional de Jung com o paranormal.

Desde o surgimento dos primeiros experimentos com PES Jung se mostrou interessado pelo tema. A partir de 1934, ele manteve uma correspondência com o professor Rhine, que na época estava na Universidade de Duke. A correspondência entre Rhine e Jung continuou pelas duas décadas seguintes. Eles trocavam livros enviando um ao outro suas mais recentes produções, e, frequentemente, expressavam mútua admiração por seus trabalhos.

Em 14 de novembro de 1934, Rhine escreveu sua primeira carta a Jung. Ele solicitava informações acerca de dois casos acontecidos com Jung em sua casa, quando ele era estudante de medicina. No primeiro deles, o jovem Jung estava em seu quarto em uma tarde de verão, quando escutou na cozinha um

disparo como o barulho de uma pistola, foi até a sala de jantar e encontrou a mesa de nogueira quebrada do centro até a beirada, de uma forma que nada tinha a ver com o veio natural da madeira (BAIR, 2003a). O tempo quente e úmido não favorecia ao acidente, que seria mais provável em um clima seco de inverno. Em um segundo evento, Jung chega a sua casa e encontra sua mãe, irmã e a empregada bastante apreensivas, outro barulho acontecera, dessa vez em um armário lateral da cozinha, ele vasculha o armário e encontra uma faca, de um metal muito resistente, partida em vários pedaços. Jung leva a faca a um cuteleiro, que afirma que o objeto não teria se partido daquela forma de modo natural, somente através de um ato deliberado (FRANZ, 1997). Rhine havia escutado essas histórias do professor William McDougall, da universidade de Duke, e estava interessado em pesquisar sobre a exteriorização da psique sobre certas circunstâncias. Em carta endereçada a Rhine, de 27 de novembro de 1934, Jung (1973/2015, p. 180) responde:

Eu recebi uma cópia do seu mais interessante livro *Extra Sensory Perception*, mas eu não sabia que devia o livro à sua gentileza. Estou muito interessado em todas as questões relativas ao peculiar caráter da psique com referência ao tempo e espaço, ou seja, a aparente aniquilação dessas categorias em certas atividades mentais. Estou pronto para lhe dar qualquer informação sobre minhas próprias experiências [. . .]. Sobre o caso da explosão da faca só posso dizer que aconteceu em 1898 em circunstâncias simples. A faca estava em uma cesta, dentro de uma gaveta trancada de um aparador [. . .] em poucos dias após esse fato, em situação similar, uma mesa redonda de 130 cm de diâmetro de repente se partiu, em cerca de $\frac{3}{4}$. Essa mesa tinha 90 anos e sua forma não havia se alterado, não havia aquecimento central na casa. Por acaso, eu estava na sala ao lado, com a porta aberta, o som era o mesmo de um disparo de pistola. (JUNG, 1973/2015, p. 181, tradução nossa)².

Em uma missiva de 20 de maio de 1935, Jung destaca que estava agradecido por poder contribuir com as experiências de Rhine. Ele afirma que, devido ao ceticismo que sempre encontrou, havia deixado de expor muitas de suas vivências, também menciona a foto da faca que havia explodido espontaneamente em sua casa. Ele havia guardado o objeto e enviado uma

² I have received a copy of your most interesting book *Extra-Sensory Perception* but I didn't know that I owed the book to your personal kindness. I am highly interested in all questions concerning the peculiar character of the psyche with reference to time and space, i.e., the apparent annihilation of these categories in certain mental activities. I am quite ready to give you any information concerning my own experiences in such matters, but I should like you to tell me exactly what you expect of me. Concerning the case of the exploded knife I only can tell you that it happened in 1898 under apparently simple circumstances. The knife was in a basket beside a loaf of bread and the basket was in a locked drawer of a sideboard. My aged mother was sitting at a distance of about 3 meters near the window. I myself was outside the house in the garden and the servant was in the kitchen which is on the same floor. Nobody else was present in the house at that time. Suddenly the knife exploded inside the sideboard with the sound of an exploding pistol.

fotografia a Rhine. Jung, também, faz algumas considerações sobre a apresentação de fatos psíquicos no meio científico:

Há coisas que são simplesmente incompreensíveis para os cérebros de nossa raça e tempo. Um dos riscos mais simples é ser tomado por louco ou insincero. Eu recebi tantas acusações de ambos, que aprendi a manter o silêncio. Eu pedi um favor para os meus conhecidos da Europa, para não colocarem essa fotografia na parede, mas como a Carolina do Norte está muito longe, eu não me oponho [. . .]. O homem tem horror a perder sua modesta capacidade cerebral, preferindo tratar como louco o companheiro que o perturbou. Se você busca ensinar algo de bom as pessoas deve procurar os melhores meios de evitar tais preconceitos. Essas são as razões porque eu prefiro não comunicar muitas de minhas experiências. Elas confrontariam o mundo científico com problemas muito perturbadores. (JUNG, 1973/2015, p. 190, tradução nossa)³.

Algumas das cartas trocadas entre os autores não se encontram em *C. G. Jung Letters*, mas em arquivos pessoais de Rhine (MANSFIELD; RHINE-FEATHER; HALL, 1998). Em *Letters*, vamos ter um lapso de uma década até a próxima missiva de 19/09/1945. Com o objetivo de compreender a posição da psicologia sobre os eventos parapsicológicos, Rhine propunha para Jung as seguintes questões:

1) Qual é, em sua opinião, a precípua relação da parapsicologia com a ciência da psicologia em geral? 2) Qual é o seu ponto de vista sobre a relação mente-corpo, e até que ponto a parapsicologia pode ser útil nessa questão? 3) Em sua opinião, o que a parapsicologia nos ensinou sobre o caráter da psique humana? 4) Até que ponto o senhor vê uma relação proveitosa entre parapsicologia e a psiquiatria? 5) Ficaria especialmente grato se pudesse relatar como a precognição pode ser explicada na terminologia do senhor. Interfere isto na livre vontade? (RHINE apud JUNG, 1973/2015, p. 393, tradução nossa)⁴.

Ao que Jung responde em novembro de 1945:

³ There are things which are simply incomprehensible to the tough brains of our race and time. One simply risks being taken for crazy or insincere, and I have received so much of either that I learned to be careful in keeping quiet. I would ask it as a favour from every psychologist in Europe not to put that photograph¹ on the wall, but since North Carolina is very far away from Europe, so far away, indeed, that probably very few are even aware of the existence of a Duke University, I shall not object. I have found that there are very few people who are interested in such things from healthy motives and fewer still who are able to think about such and similar matters, and so in the course of the years I arrived at the conviction that the main difficulty doesn't consist in the question how to tell, but rather in how not to tell it. Man's *horror novi* is so great that in order not to lose his modest brain capacity he always prefers to treat the fellow who disturbed him as crazy. If you are really serious in teaching people something good, you must do your best to avoid such prejudices. Those are the reasons why I prefer not to communicate too many of my experiences. They would confront the scientific world with too upsetting problems.

⁴ 1. What do you think is the proper relation of parapsychology to the general science of psychology? 2. What is your view of the mind-body relation, and to what extent is parapsychology of help on this question? 3. What, in your judgement, has parapsychology taught us regarding the character of the human psyche? 4. To what extent do you see a useful relation between parapsychology and psychiatry? 5. Can you interpret the experimental findings of parapsychology in extrasensory perception and its apparent reach beyond the limits of space and time as we think of them, in terms of your views of the human personality? I would particularly appreciate having your account of how precognition can be explained in your terms. Does this allow for volitional freedom?

1) Considero a parapsicologia um ramo ou disciplina da psicologia geral, especialmente, da psicologia do inconsciente. 2) A psicologia do inconsciente tem muito a dizer sobre a relação entre mente e corpo (distúrbios psicogênicos das funções fisiológicas). A parapsicologia está em condições de provar a existência de fenômenos psíquicos que influenciam objetos materiais ou criam corpos físicos num lugar em que antes não havia esta matéria ou outra semelhante. E, assim, a parapsicologia pode elucidar o problema de como o ser vivente é formado e continuamente reformado através da psique inconsciente. 3) A parapsicologia mostrou sobretudo que a psique tem o aspecto de um caráter temporal e espacial relativo. Mostrou também que a psique inconsciente tem uma faculdade de influenciar a matéria sem contato corporal e condensar a matéria fora do alcance corporal de tal forma que parece um corpo físico, perceptível por nossos sentidos e pela chapa fotográfica. 4) Por enquanto, não vejo uma conexão “útil” entre a parapsicologia e a psiquiatria. Até agora é um problema meramente científico, mas como tal da maior importância. Não é raro que apareçam fenômenos parapsicológicos no início das psicoses, talvez com menor frequência durante o curso dessas doenças. (JUNG, 1973/2015, p. 394, tradução nossa)⁵.

As respostas de Jung apresentam que a psicologia, notadamente, a psicodinâmica, possui estreitas relações com a parapsicologia, propondo, ainda, a mútua influência entre psique e corpo. A quinta resposta, no entanto, é especialmente importante, pois estabelece a relação entre *PES* e o conceito de sincronicidade, demonstrando que Jung recorreu ao material produzido por Rhine em suas elaborações teórico-conceituais:

5) Só posso explicar a PES pela hipótese de trabalho da relatividade de tempo e espaço [. . .] no mundo microfísico relatividade de espaço e tempo é um fato estabelecido. A psique, enquanto produz fenômenos de caráter não espacial ou não temporal, parece pertencer ao mundo microfísico. Isto explicaria, também, a natureza obviamente não espacial de realidades psíquicas como os pensamentos etc. e também o fato da precognição [. . .] a filosofia chinesa diz que enquanto as coisas estão no Nordeste, isto é, antes que tenham surgido no horizonte, podem ser alteradas. Quando entrarem no Leste, elas tomam o seu curso inalterado. O fato de o futuro poder ser ocasionalmente previsto não exclui a liberdade, mas apenas neste caso particular. A liberdade só ficaria duvidosa se tudo pudesse ser previsto. (JUNG, 1973/2015, p. 394, tradução nossa)⁶.

5) I consider parapsychology as a branch or discipline of general psychology, more especially of the psychology of the unconscious. 2) The psychology of the unconscious has much to say about the mind-body relation (psychogenic disturbances of the physiological functions). Parapsychology is apt to demonstrate the existence of phenomena of a psychic nature, which influence material objects or create physical bodies in a place where no such or similar matter was before. Thus parapsychology may elucidate the problem of how the living is shaped and continuously reshaped through the unconscious psyche. 3) Parapsychology has shown above all that the psyche has an aspect of a relative-temporal and relative-spatial character. It has shown, moreover, that the unconscious psyche has a faculty to influence matter detached from bodily contact and to assemble matter beyond the reach of the body to such a degree that it appears as a physical body perceptible to our senses as well as to the photographic plate. 4) I see, for the time being at least, no “useful” connection between parapsychology and psychiatry. It is as yet a merely scientific problem, but as such of the highest importance. Parapsychological phenomena appear not infrequently in the beginning of psychoses, perhaps less frequently during the course of such diseases.

6) I can explain extra-sensory perception only through the working hypothesis of the relativity of time and space... In the microphysical world the relativity of space and time is an established fact. The psyche, inasmuch as it produces phenomena of a non-spatial or a non-temporal character, seems to belong to the microphysical world. This would also

Ainda em 1945, Jung escreve em outra carta a Rhine, de 18 de setembro:

É claro que tive várias experiências dignas de nota, mas você sabe como é: as circunstâncias e as pessoas envolvidas, embora indispensáveis para a explicação dos fatos, não podem ser descritas de maneira a convencer o forasteiro. Tudo pareceria irremediavelmente casual e bastante frágil. Como você supõe, pensei bastante sobre fatos parapsicológicos e tentei estabelecer certas conexões, mas sempre abstendo-me de falar publicamente sobre esses assuntos pelas razões acima mencionada. (JUNG, 1973/2015, p. 378 - 379, tradução nossa) ⁷.

Mind, e que as suas informações colaboravam para a compreensão dos processos inconscientes, através do tema da relatividade do tempo, espaço e matéria. “Li seu livro com maior interesse e agradeço ter-me enviado mais de um exemplar [. . .]. Os experimentos que o senhor fez atestam o fato da relatividade do tempo, espaço e matéria.” (JUNG, 1973/2015, p. 495, tradução nossa) ⁸.

Jung destaca que sua preocupação principal, naquele momento, era o problema teórico da conexão entre a psique e a continuidade espaço e tempo da microfísica, e afirma que escreveria no futuro sobre esse assunto. “Eu vou escrever sobre isso quando eu estiver trabalhando sobre o labirinto dos simbolismos que nos levam a muitos problemas modernos.” (JUNG, 1973/2015, p. 495, tradução nossa)⁹. Pouco tempo depois Jung escreveu *Aion*, um livro sobre o simbolismo do arquétipo do si mesmo, publicado em 1951, e que já continha às ideias básicas que seriam desenvolvidas em seu trabalho sobre sincronicidade.

Em carta de 18 de fevereiro de 1953¹⁰, Jung responde a uma missiva de Rhine. O cientista americano havia proposto testar experimentalmente a teoria de Jung da sincronicidade e pedia sua ajuda. Jung, no entanto, responde que seu estado de saúde impedia que ele se dedicasse a trabalhos prolongados e que a pesquisa da PES já havia alcançado sucesso considerável. Ele destaca que buscava

explain the obvious non-spatial nature of psychic existences such as thought etc. and the fact of precognition...Chinese philosophy says that as long as things are in the North-East, i.e., before they have risen, they can be altered. When they have entered the East, they take their unalterable course.) The fact that the future can be occasionally foreseen does not exclude freedom in general, but only in this particular case.

7 Of course, I have had quite a number of noteworthy experiences, and you know how it is: the circumstances and persons involved, though indispensably important for the explanation of the facts, cannot be described in a way that would convince the outsider. It would all look hopelessly haphazard and pretty flimsy. As you assume, I have thought a great deal about parapsychological facts and I tried to establish certain connections, but I always refrain from talking publicly about such matters for the above-mentioned reasons.

8 I've read your book¹ with the greatest interest and I thank you very much for sending me more than one copy....Your experiments have established the fact of the relativity of time, space, and matter with reference to the psyche beyond any doubt.

9 I am going to write something about it when I have worked through the maze of symbolism which leads up to this very modern problem.

10 O livro Sincronicidade já se encontrava publicado.

junto com seu grupo de colaboradores do Instituto C. G. Jung de Zurique desenvolver trabalhos sobre o fator emocional envolvido na PES. Em suas palavras:

Normalmente (ainda que nem sempre) os casos espontâneos de PES acontecem sob circunstâncias emocionais (acidentes, morte, doença, perigo, etc.) que despertam as camadas arquetípicas e instintivas do inconsciente. Eu gostaria de examinar o estado do inconsciente nos casos de acontecimentos maiores ou menores que ocorrem não raras vezes com os nossos pacientes. (JUNG, 1975/2011, p.106, tradução nossa)¹¹.

Sobre as associações entre a PES e a sincronicidade, Rhine em 1953 chegou a solicitar a Jung lhe enviasse um conjunto de suas experiências parapsicológicas para a produção de uma obra, ao que o pensador suíço responde que foram muitas, e que ele não via qual seria a relevância de tal produção. Myers e colaboradores já haviam selecionado um conjunto bastante amplo de casos com o trabalho *Phantasms of the Living* (JUNG, 1952/1975). E em 1954, Jung volta a falar a Rhine que todas as formas de PES têm como substrato o mesmo princípio, a identidade de uma disposição subjetiva e objetiva coincidindo no tempo, daí o termo sincronicidade.

A dificuldade principal com a sincronicidade e também com a PES está em que as pessoas pensam que ela é produzida pelo sujeito, **enquanto eu penso que ela está antes na natureza dos acontecimentos objetivos**. Embora a PES seja um dom de certas pessoas e pareça depender de uma percepção emocional, o quadro que produz é o de um fato objetivo. (JUNG, 1975/2011, p. 181, grifo nosso, tradução nossa)¹².

Jung, desde o início do trabalho de Rhine, se interessou por suas pesquisas, especialmente, suas publicações de 1934, *Extra Sensory Perception*, de 1937, *New Frontiers of Mind* e de 1947, *The Reach of Mind*. As pesquisas de Rhine sobre percepção extrassensorial foram o ponto de apoio empírico para o conceito de Jung de sincronicidade. Essas experiências, segundo o autor suíço, também auxiliaram na compreensão do aspecto inconsciente da psique, principalmente, em relação à relativização das categorias de espaço, tempo e causalidade. O interesse de Jung por esses trabalhos fez, ainda, com que ele

¹¹ As a rule (though not always) spontaneous cases of ESP happen under emotional circumstances (accidents, death, illness, danger, etc.) which usually arouse the deeper archetypal and instinctual layers of the unconscious. I should like to examine the state of the unconscious in cases of minor or major events occurring not so rarely with our patients.

¹² The main difficulty with synchronicity (and also with ESP) is that one thinks of it as being produced by the subject, while I think it is rather in the nature of objective events. Although ESP is a gift of certain individuals and seems to depend upon an emotional perception, the picture it produces is that of an objective fact.

mantivesse uma larga correspondência com o pesquisador americano, especialmente, entre as décadas de 30, 40 e 50 do século XX. Mesmo que o intercâmbio de informações entre eles tenham cessado após 1954, Jung continuou a reverenciar os trabalhos de Rhine até o final de sua vida (BAIR, 2003b).

3 Percepção extrassensorial (PES) como fundamentação de sincronicidade

Em 1952, Jung afirma que há algumas décadas se ocupava com a questão dos fenômenos significativos que não poderiam ser explicados por uma conexão causal. No prefácio de seu trabalho de 1952, *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais* ele afirma: “se venci a minha hesitação e, afinal, enfrentei o problema, foi, sobretudo, **porque minhas experiências com fenômenos de sincronicidade se acumularam década após década.**” (JUNG, 1952/1975, para. 816, grifo nosso, tradução nossa)¹³.

Ele solicita aos leitores uma postura de abertura e boa vontade, já que o livro buscava esclarecer o que ele considerava domínios da experiência humana obscuros e crivados de preconceito. Como psiquiatra e empírico, seu interesse não era somente científico, mas, principalmente, o de descortinar aspectos importantes da experiência humana.

Ao introduzir o tema da sincronicidade, Jung faz referências a estudos que seriam a pré-história do assunto, como o de Paul Kammerer, biólogo austríaco, que observou e documentou certas experiências que aconteciam em série com indivíduos, esses eventos, frequentemente, possuíam conteúdos semelhantes, e, as ideias defendidas pelo filósofo Arthur Schopenhauer, da existência de uma suposta intencionalidade do destino do homem, presente na sua obra *Parerga e Paralipomena*. Nessa exposição inicial, Jung inclui, ainda, o extenso estudo de Gurney, Myers e Podmore (1886/2011), *Phantasms of the living*, que teria inspirado outros estudos por parte de Dariex, Richet e Flammarion, todos pesquisadores de fenômenos parapsíquicos (JUNG, 1952/1975). No entanto, deste conjunto de referências, o que interessa a Jung é a precognição, como

¹³ If I have now conquered my hesitation and at last come to grips with my theme, it is chiefly because my experiences of the phenomenon of synchronicity have multiplied themselves over decades.

elemento que se vincula a sincronicidade. Conforme ele destaca:

A quantidade de fatos reunidos por Gurney, Myers e Podmore estimulou Dariex Richet e Flammarion a tratar do problema com base no cálculo das probabilidades. Dariex descobriu uma probabilidade de 1:4.114.545 para a precognição telepática da morte, o que significa, que a explicação de tal fato premonitório como obra do acaso é, portanto, acima de um milhão mais improvável do que a coincidência telepática ou coincidência acausal significativa. (JUNG, 1952/1975, para. 830, tradução nossa)¹⁴.

Na passagem acima, Jung trata como sinônimos a coincidência acausal significativa e o que ele nomeia como coincidência telepática, o que na verdade se trata da precognição, já que os eventos referidos dizem respeito a acontecimentos futuros. Em relação à Flammarion, Jung destaca: “ele foi o primeiro a relacionar outros acontecimentos suspeitos com o interesse, então vigente, pelas precognições de morte.” (JUNG, 1952/1975, para. 830, tradução nossa)¹⁵.

No entanto, Jung vai apontar que é somente através de Rhine e suas pesquisas acerca da percepção extrassensorial (PES)¹⁶, na qual se inclui a precognição, que a sincronicidade teria alcançado comprovação científica. “Só em época mais recente é que a prova decisiva de acontecimentos acausais foi apresentada de maneira científica adequada, sobretudo através das experimentações de Rhine e seus colaboradores.” (JUNG, 1952/1975, para. 833, tradução nossa)¹⁷.

Os referidos autores não teriam reconhecido o longo alcance de suas descobertas. Jung sugere que Rhine e seus colaboradores se ocuparam, principalmente, em fornecer dados significativos para a PES, e, que ele, por sua vez, buscava interpretar o impacto dessas experiências sobre a vivência humana à luz de sua psicologia analítica. Muitas das diferentes experiências parapsicológicas referidas por Jung como telepatia, precognição, psicocinese, clarividência, são alocadas dentro do termo geral de sincronicidade. “Casos

¹⁴ The mass of facts collected by Gurney, Myers, and Podmore inspired three other investigators—Dariex, Richet, and Flammarion— to tackle the problem in terms of a probability calculus. Dariex found a probability of 1 : 4,114,545 for telepathic precognitions of death, which means that the explanation of such a warning as due to “chance” is more than four million times more improbable than explaining it as a “telepathic,” or acausal, meaningful coincidence.

¹⁵ He was also the first to link up other suspicious happenings with the general interest in phenomena connected with death.

¹⁶ As referências que Jung utiliza de Rhine, nessa passagem são: *Extra-Sensory Perception* (1934), *New Frontiers of Mind* (1937), *Extra-Sensory Perception after Sixty Years* (1940), *The Reach of Mind* (1948).

¹⁷ Decisive evidence for the existence of acausal combinations of events has been furnished, with adequate scientific safeguards, only very recently, mainly through the experiments of J. B. Rhine and his fellow-workers.

inumeráveis de coincidências significativas observados, não somente por mim, mas por muitos outros e registrados parcialmente em grandes coleções, incluem tudo o que figura sob os nomes de clarividência, telepatia, etc.” (JUNG, 1952/1975, para. 983, tradução nossa)¹⁸.

A precognição se destacaria do conjunto, devido a fatores como superação do espaço e do tempo das informações adquiridas. Jung enfatiza que a sincronicidade é a exemplificação da psique não sujeita as categorias de tempo e espaço, e os experimentos de Rhine serão, especialmente, válidos para Jung nesse sentido, uma vez que tratam da superação dessas categorias em determinadas situações.

Rhine e Humphrey (1942), por exemplo, testaram a PES, através das cartas Zener, em longas distâncias, esses experimentos consistiam na separação da localização entre sujeito experimental e o pesquisador por muitos quilômetros. Os resultados foram muito semelhantes aos encontrados em experimentos nos quais sujeito e pesquisador dividiam o mesmo espaço. Como afirma Jung:

O fato de que a distância, em princípio, não tem influência no resultado, é prova de que o objeto aqui em estudo não pode ser um fenômeno de força ou energia, porque do contrário, a superação da distância e a difusão no espaço deveriam causar uma diminuição do efeito e, como não é muito difícil de ver, o número de acertos deveria ser inversamente proporcional ao quadrado da distância. Como isto, evidentemente, não aconteceu, não resta alternativa senão admitir que a distância é fisicamente variável e em determinadas circunstâncias pode ser reduzida a zero por alguma disposição psíquica. (JUNG, 1952/1975, para. 835, tradução nossa)¹⁹.

E sobre pesquisas de PES com o fator tempo, na qual as respostas do sujeito experimental antecediam a retirada das cartas feitas no futuro pelo pesquisador, Jung destaca:

Os resultados da experimentação com o fator tempo apontam para uma relativização psíquica do tempo, visto que se trata de percepções de acontecimentos que ainda não ocorreram. Em tais circunstâncias parece que o fator tempo foi eliminado por uma função psíquica, ou melhor, por uma disposição psíquica que é capaz também de eliminar

18 Innumerable cases of meaningful coincidence that have been observed not only by me but by many others, and recorded in large collections. They include everything that goes by the name of clairvoyance, telepathy, etc.

19 The fact that distance has no effect in principle shows that the thing in question cannot be a phenomenon of force or energy, for otherwise the distance to be overcome and the diffusion in space would cause a diminution of the effect, and it is more than probable that the score would fall proportionately to the square of the distance. Since this is obviously not the case, we have no alternative but to assume that distance is psychically variable, and may in certain circumstances be reduced to vanishing point by a psychic condition.

o fator espaço. (JUNG, 1952/1975, para. 836, tradução nossa)²⁰.

A percepção de acontecimentos que ainda não ocorreram é claramente uma definição de precognição. Em outro exemplo, utilizado para esclarecer o tema, Jung, novamente, recorre a eventos de PES, dessa vez, um caso de um de seus amigos. Defendemos que o interesse por esse caso, assim como outros semelhantes que serão referenciados ao longo de toda a obra, dizem respeito ao fato de que, sincronicidade e a PES são fatores indissociados para Jung:

Menciono estas complicações, porque elas são importantes para a extensão do conceito de sincronicidade. Tomemos outro exemplo: um de meus conhecidos viu e presenciou em sonho a morte súbita e violenta de um de seus amigos, com todos os detalhes específicos. O sonhador estava na Europa e seu amigo na América. Na manhã seguinte um telegrama atesta a morte e dez dias mais tarde uma carta confirma os detalhes. A comparação entre o tempo europeu e o americano mostra que a morte se deu pelo menos uma hora antes do sonho. O sonhador recolhera-se tarde e não dormira até uma hora da madrugada. O sonho se dera por volta das duas. A experiência do sonho não fora síncrona com a morte. Experiências deste gênero frequentemente ocorrem antes ou depois do acontecimento crítico. (JUNG, 1952/1975, para. 852, tradução nossa)²¹.

Jung destaca que é preciso ter em mente a diferenciação entre síncrono e sincronicidade, pois a percepção de acontecimentos futuros, ou precognição, faz parte da estruturação do conceito, que ele está propondo. Os eventos psíquicos e físicos, portanto, não são, necessariamente, simultâneos. As imagens subjetivas são experimentadas no presente, mas, em uma grande parte dos casos, a sua compreensão depende do acontecimento objetivo futuro: “este ponto de vista é confirmado pelos resultados de Rhine, uma vez que nem espaço, nem tempo – pelo menos em princípio – influenciam a sincronicidade” (JUNG, 1952/1975, para. 855, tradução nossa)²² em outro exemplo, recorrendo novamente a precognição, Jung destaca:

Lembro-me da história de um amigo estudante ao qual o pai prometera uma viagem à Espanha, se passasse, satisfatoriamente, nos exames

20 They point, in other words, to a psychic relativity of time, since the experiment was concerned with perceptions of events which had not yet occurred. In these circumstances the time factor seems to have been eliminated by a psychic function or psychic condition which is also capable of abolishing the spatial factor.

21 I mention these complications because they have an important bearing on the concept of synchronicity. Let us take another example: An acquaintance of mine saw and experienced in a dream the sudden death of a friend, with all the characteristic details. The dreamer was in Europe at the time and the friend in America. The death was confirmed next morning by telegram, and ten days later a letter confirmed the details. Comparison of European time with American time showed that the death occurred at least an hour before the dream. The dreamer had gone to bed late and not slept until about one o'clock. The dream occurred at approximately two in the morning. The dream experience is *not synchronous* with the death. Experiences of this kind frequently take place a little before or after the critical event.

22 This view is confirmed by Rhine's results in so far as they were not influenced by changes in space or time.

finais. Este meu amigo sonhou então que estava andando em uma cidade espanhola. A rua conduzia a uma praça onde havia uma catedral gótica. Assim que chegou lá, dobrou a esquina, à direita, entrando em outra rua. Ai ele encontrou uma carruagem elegante, puxada por dois cavalos baios [...] pouco depois, tendo sido bem sucedido nos exames viajou à Espanha e aí em uma das ruas reconheceu a cidade de seu sonho. Encontrou a praça e viu a igreja [...] primeiramente, ele queria ir diretamente à igreja, mas se lembrou de que no sonho, ele dobrava a esquina à direita, entrando noutra rua. Estava curioso por verificar se seu sonho seria confirmado outra vez. Mal tinha dobrado a esquina, quando viu, na realidade, a carruagem com os dois cavalos baios. (JUNG, 1952/1975, para. 973, tradução nossa)²³.

Na passagem seguinte ele completa: “o sentimento de *déjà vu* (sensação de já visto) baseia-se, como tive oportunidade de verificar em numerosos casos, **em uma precognição do sonho, mas vimos também que esta precognição ocorre também no estado de vigília.**” (JUNG, 1952/1975, para. 974, grifo nosso, tradução nossa)²⁴.

Ao estabelecer a explicação e determinação dos fatores que compõem a sincronicidade em geral Jung afirma:

o fenômeno de sincronicidade é constituído, portanto de dois fatores: 1) uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho ou **premonição**; 2) uma situação objetiva coincide com este conteúdo. (JUNG, 1952/1975, para. 858, grifo nosso, tradução nossa)²⁵.

A precognição, junto ao contexto maior das PESs, se apresenta, desta forma, como um pano de fundo da obra, assim como, um dos pilares de sustentação do conceito de sincronicidade. Como Jung afirma: “ora, quanto mais se acumulam os detalhes previstos de um acontecimento, tanto mais clara é a impressão de que há uma precognição e, por isso, se torna tanto mais improvável o acaso.” (JUNG, 1952/1975, para. 973, tradução nossa)²⁶. Na falta de um termo

23 I remember the story of a student friend whose father had promised him a trip to Spain if he passed his final examinations satisfactorily. My friend thereupon dreamed that he was walking through a Spanish city. The street led to a square, where there was a Gothic cathedral. He then turned right, around a corner, into another street. There he was met by an elegant carriage drawn by two cream-coloured horses. Then he woke up. He told us about the dream as we were sitting round a table drinking beer. Shortly afterward, having successfully passed his examinations, he went to Spain, and there, in one of the streets, he recognized the city of his dream. He found the square and the cathedral, which exactly corresponded to the dream-image. He wanted to go straight to the cathedral, but then remembered that in the dream he had turned right, at the corner, into another street. He was curious to find out whether his dream would be corroborated further. Hardly had he turned the corner when he saw in reality the carriage with the two cream-coloured horses.

24 The *sentiment du déjà-vu* is based, as I have found in a number of cases, on a foreknowledge in dreams, but we saw that this foreknowledge can also occur in the waking state.

25 Synchronicity therefore consists of two factors: 1) An unconscious image comes into consciousness either directly (i.e., literally) or indirectly (symbolized or suggested) in the form of a dream, idea, or premonition, 2) An objective situation coincides with this content.

26 Now, the more the foreseen details of an event pile up, the more definite is the impression of an existing foreknowledge, and the more improbable does chance become.

melhor, ele afirma que são coincidências significativas (JUNG, 1952/1975), cujos diversos relatos se acumularam ao longo da história como eventos espontâneos (FLAMMARION, 1900) e que na época moderna estavam sendo testados com resultados satisfatórios em contexto experimental (RHINE, 1934).

Para Connolly (2015), ainda há muitas incertezas na comunidade junguiana sobre o conceito de sincronicidade, especialmente se ele deve ser estendido para incluir o paranormal. Para a autora, o conceito é gerado a partir de três pontos fundamentais no pensamento de Jung: 1) A experiência pessoal de Jung com eventos parapsicológicos; 2) O encontro de Jung com teorias da física moderna, como a relatividade do espaço e tempo propostos por Einstein, assim como sua teoria do campo unificado (*unus mundus*), que fornecem a base para a ideia de conexões acausais entre eventos físicos e psíquicos. Nesse segundo tópico, também se inclui o encontro com Wolfgang Pauli e a mecânica quântica, que altera os rumos do conceito de uma proposta empirista para uma ênfase fenomenológica, em que Jung se concentra no caráter arquetípico e ontológico do conceito; 3) O terceiro ponto seria a relação entre Jung e Richard Wilhelm e o seu interesse pela filosofia chinesa presente no Tao Te Ching. Na verdade, foi somente após o encontro com Wilhelm, em um seminário em 1928 sobre sonhos, que Jung utilizou a ideia de conexões acausais. Em 1930, em um discurso em memória de Wilhelm, Jung vai referenciar pela primeira vez um princípio sincrônico.

Para Warren Colman (2012), é necessário uma leitura mais atenta sobre o conceito, pois em escritos menos rigorosos de alguns junguianos, assim como na cultura popular, qualquer coincidência ou trivialidade é rotulada como sincronicidade. Colman vai distinguir duas categorias principais de eventos sincrônicos: 1) sincronicidades nas quais o evento externo ocorre simultaneamente ou logo após um evento interno, como um pensamento, uma imagem ou um sonho e 2) experiências paranormais que envolvem precognição, em que o evento interno é predicativo do evento externo.

Para o autor, na primeira categoria é o evento externo que atua como fornecedor do sentido, ele sinaliza a maneira de interpretar o evento interno, dando-lhe um novo significado, enquanto que na segunda categoria é o evento interno, a precognição, que constitui o signo apontando para a ocorrência de um

evento externo em um espaço e tempo diferente. Colman (2012) estabelece algumas conclusões sobre esses diferentes tipos de experiências. Para ele, é apenas na primeira categoria que haveria simbolização e transcendência, já que na segunda o sentido já é o indicativo do acontecimento futuro. Colman termina por eliminar a possibilidade paranormal da conceituação de sincronicidade.

Mansfield, Rhine-Feather e Hall (1998) estabelecem uma separação entre sincronicidade e percepção extrassensorial. Eles se utilizam em seu argumento de uma distinção entre os papéis da causalidade e do significado no fenômeno parapsicológico e na sincronicidade. A tentativa é de esclarecimento dos dois campos, mas a explicação fica a dever em relação ao conceito de sincronicidade em Jung. Os autores começam por destacar uma carta, dos arquivos pessoais de Rhine, que não consta nos dois volumes de *C. G. Jung Letters*. Em 3 de setembro de 1951, Jung escreve: “Lamento muito não ter visto você enquanto estava na Europa. Logo depois que você partiu, me recuperei da minha doença e pude terminar um artigo que é amplamente baseado em sua experiência em PES, que, a propósito, é intensamente descrita aqui por psicólogos e físicos.” (JUNG apud MANSFIELD; RHINE-FEATHER; HALL, 1998, p. 3, tradução nossa)²⁷.

A informação provida por Mansfield, Rhine-Feather e Hall (1998) em sequência é de que a revelação que sincronicidade é baseada amplamente em PES é surpreendente, já que o assunto não poderia ser encontrado nas obras completas, cartas e na sua autobiografia, o que se figura como bastante equivocado, uma vez que a afirmação de vinculação entre PES e sincronicidade está no início da obra, sendo reafirmado ao longo de todo o trabalho de 1952 e, ainda, na correspondência entre os autores. No entanto, um dos principais argumentos de Mansfield, Rhine-Feather e Hall (1998) diz respeito a questão da causalidade. Jung propõe a sincronicidade como acausal e segundo eles, Rhine tinha dificuldades em aceitar essa ideia. Rhine afirma em uma carta a Jung, presente no trabalho de Mansfield, Rhine-Feather e Hall (1998):

De qualquer forma, eu estava disposto a me apegar a hipótese de causalidade, consertando a interação psicofísica, supondo a energia necessária, eu acho que é possível que eu simplesmente não entenda

²⁷ I regretted very much not seeing you when you were in Europe. Soon after you left I recovered from my illness and I have been able to finish a paper that is largely based upon your ESP experiment which, by the way, is intensely discussed over here by psychologists as well as physicists.

tudo o que a sincronicidade representa e envolve em seu conceito. Não é que eu tenha grande confiança na causalidade ou que eu entenda muito do que isso poderia significar em uma interação psicofísica em qualquer caso. É mais uma questão de eu adotar medidas cautelosas e faço isso, em parte, porque estou determinado a ir o mais longe possível na busca de fatos nessa área de problemas [. . .]. De qualquer forma não me decidirei com nenhum sentimento de confiança ou finalidade. (RHINE apud MANSFIELD; RHINE-FEATHER; HALL, 1998, p. 5 – 6, tradução nossa) ²⁸.

Em nosso entendimento, da parte de Rhine não há uma negação ou distinção entre o fenômeno da percepção extrassensorial e a sincronicidade. Ele simplesmente deixa o tema em aberto, para Jung elas são idênticas, sendo termo bastante vasto para abarcar um grande número de eventos parapsicológicos. No entanto se concentrarmos nossa análise nas características fenomenológicas dos eventos descritos por Rhine e Jung, chegamos a conclusão de que clarividência e precognição seriam os eventos, dentro do conjunto da PES, que estão contidos no conceito de sincronicidade.

Mansfield, Rhine-Feather e Hall (1998) ao estudarem o significado que sincronicidade tem para Jung se baseiam, primordialmente, em um movimento compensatório do inconsciente, ou seja, o inconsciente apresentaria no evento sincronístico, simplesmente, uma posição oposta à da consciência, se esta, está muito rígida ou apegada a um ponto de vista. No entanto, para Jung, o papel do inconsciente na sincronicidade é mais complexo do que isso. O significado mais que compensatório, é orientador, é como um ajustamento do indivíduo ao que lhe é próprio, o desenvolvimento de seu percurso pessoal ou individuação. Nesse sentido o inconsciente poderia ir em direção ao passado assimilando conteúdos perdidos, mas importantes para o indivíduo; compensar uma atitude do presente; como, ainda, antecipar eventos indicando um caminho futuro, o que seria a função prospectiva do inconsciente. Em seu estrato mais profundo, o inconsciente coletivo ou psique objetiva, seria ainda a ligação do indivíduo com os demais seres e com seu ambiente, uma espécie de rede subjetiva e objetiva. Essa ideia se apoia na existência de um princípio ordenador, que, por não

²⁸ At any rate, I was disposed to try to cling to the causality hypothesis, patching up the psychophysical interaction by supposing the necessary energetics. I think it is possible that I simply do not understand all that synchronicity represents and involves in your concept of it. It is not that I have any great confidence in causality or that I understand very much of what it might mean in a psychophysical interaction in any case. It is more a matter with me of taking very cautious, timid steps, and I do this partly because I am determined to go as far as I can in fact-finding in this area of problems...I shall not make up my mind with any feeling of confidence or finality for a long time to come in any case.

conhecermos sua origem, é indicado como de natureza inconsciente, sendo nomeado de si-mesmo ou o arquétipo da totalidade.

Giegerich (2012) também se opõe a interpretação de sincronicidade como uma proposta transcendente. Fazendo um estudo a partir da linguística, ele avalia o termo utilizado por Jung nos originais em alemão, *sinn gemäße Koinzidenz*, o que seria uma ‘significação’ com ‘s’ minúsculo e não uma significação por si. Giegerich afirma que sincronicidade para Jung é a ocorrência de dois eventos, um interno e outro externo, semelhantes, sem significação prévia, ou transcendente. Os junguianos teriam elevado a sincronicidade a um evento místico, quando Jung estaria falando, somente, em semelhança de palavras. No entanto, consideramos que Giegerich subestima o papel da emoção no evento sincronístico, como disparadora do evento, assim como, eliciadora de eventos parapsíquicos.

Apesar de todas as críticas, se queremos entender o conceito, temos de recorrer fundamentalmente a obra de 1952. O próprio Jung é muito claro em definir que existiria um *continuum* entre sincronicidade e paranormalidade. Ele vê suas próprias experiências paranormais como sincronísticas. No desenvolvimento de seu trabalho de 1952, ele vai delinear três diferentes formas de sincronicidade:

1. Coincidência de um estado psíquico do observador com um acontecimento externo e simultâneo, que corresponde ao estado ou conteúdo psíquico, onde não há nenhuma evidência de uma conexão causal entre o estado psíquico e o acontecimento externo e onde, considerando-se a relativização psíquica do espaço e do tempo, acima constatada, tal conexão é simplesmente inconcebível. (JUNG, 1952/1975, para. 974, tradução nossa)²⁹.

Jung exemplifica esse primeiro tipo de sincronicidade através do caso de uma de suas pacientes. A pessoa em questão apresentava uma resistência persistente às intervenções de Jung. Ela então teve um sonho no qual lhe entregavam de presente um escaravelho de ouro. No momento da sessão de terapia, enquanto ela relatava o sonho para Jung, foram ouvidas batidas persistentes na janela do vidro do consultório. Jung vai até a janela e um besouro

²⁹ 1. The coincidence of a psychic state in the observer with a simultaneous, objective, external event that corresponds to the psychic state or content (e.g., the scarab), where there is no evidence of a causal connection between the psychic state and the external event, and where, considering the psychic relativity of space and time, such a connection is not even conceivable.

dourado da espécie *cetonia aurata* insistia por adentrar no espaço de atendimento. Jung recolhe o inseto com as mãos e entrega a sua paciente. Ele ressalta que o inseto era a melhor representação da imagem do sonho e que o evento jamais tinha acontecido, nem tornou a acontecer posteriormente. A espécie também não é considerada comum em Zurique, sendo mais frequente de ser encontrada no sul da Europa, preferindo climas quentes ou amenos. O acontecimento produz um efeito terapêutico significativo na paciente, ele era o evento necessário para romper sua resistência. Outra questão é a simultaneidade dos acontecimentos, o paralelismo psíquico com o evento físico (JUNG, 1952/1975).

A segunda categoria de eventos sincronísticos é definida por Jung como:

2. Coincidência de um estado psíquico com um acontecimento exterior correspondente (mais ou menos simultâneo), que tem lugar fora do campo de percepção do observador, ou seja, especialmente distante, e só poderia ser verificado posteriormente. (JUNG, 1952/1975, para. 974, tradução nossa)³⁰.

O evento utilizado como exemplo desse segundo tipo é o incêndio em Estocolmo, 'visto' por Emanuel Swedenborg, na mesma hora e a quilômetros de distância. Em 1756, em um sábado do final de setembro, Swedenborg chegou da Inglaterra para Gotemburgo. Sir William Castel convidara-o para ir até sua casa com mais 15 pessoas. Por volta das seis horas da tarde, Swedenborg se afastou dos demais e retornou algum tempo depois, transtornado, afirmando que um terrível incêndio havia começado naquele momento em Estocolmo, especificamente em Södermalm, e que o fogo se alastrava rapidamente. A cada novo momento Swedenborg fornecia informações sobre as casas que estavam sendo destruídas. Somente às oito horas da noite ele relatou que o incêndio havia sido controlado, a três portas de sua própria casa. O incêndio foi comunicado na mesma noite ao governador de Gotemburgo, que se encontrou com Swedenborg e enviou um mensageiro a Estocolmo. A notícia se espalhou por toda a cidade e quando o mensageiro retornou com informações, os fatos eram idênticos ao relato de Swedenborg em relação à hora de início do incêndio, ao seu desenvolvimento, às casas que foram destruídas e a hora do término (JUNG,

³⁰ 2. The coincidence of a psychic state with a corresponding (more or less simultaneous) external event taking place outside the observer's field of perception, i.e., at a distance, and only verifiable afterward (e.g., the Stockholm fire).

1905/1976).

A terceira e última categoria de eventos é descrita como: “3.Coincidência de um estado psíquico com um acontecimento futuro, portanto, distante no tempo e ainda não presente, que só pode ser verificado posteriormente.” (JUNG, 1952/1975, para. 974, tradução nossa) ³¹.

Consideramos que a primeira categoria seria a classificação mais comumente utilizada para a sincronicidade. Neste item, incluem-se as percepções de Colman (2012), Giegerich (2012) e Mansfield, Rhine-Feather e Hall (1998). Dentro do contexto da fenomenologia parapsíquica a segunda descrição de Jung seria clarividência, aquisição de informações por meios em que os sentidos físicos habituais não estariam envolvidos, ou telepatia, comunicação mente a mente, se for acesso a informações contidas na mente de alguém que presenciou o incidente (CARDEÑA, 2018). Em relação à terceira categoria Jung não oferece exemplos diretamente relacionados em sua obra de 1952, mas explica que nela se incluem “acontecimentos coincidentes ainda não presentes no campo de percepção do observador, antecipados no tempo” (JUNG, 1952/1975, para. 975). Essa explicação se encaixaria na definição de precognição, uma percepção que supostamente supera o tempo, indicando um evento futuro (CARDEÑA, 2018).

Passados mais de 60 anos da sua formulação, o conceito de sincronicidade ainda não é corretamente compreendido, mesmo entre os que seguem a abordagem analítica. A conexão entre sincronicidade e paranormalidade é fundamental e se apresenta clara já na gestação da conceituação. É essencial resgatar esta base e demonstrar a vinculação estrutural entre a psicologia analítica e a fenomenologia *psi* ou anômala.

Em carta ao Dr. Smythis, de 29 de fevereiro de 1952, Jung também destaca conexões entre sua percepção da parapsicologia e seus conceitos analíticos. Ele inclui o elemento emocional e a relativização de tempo e espaço em sua explicação de sincronicidade:

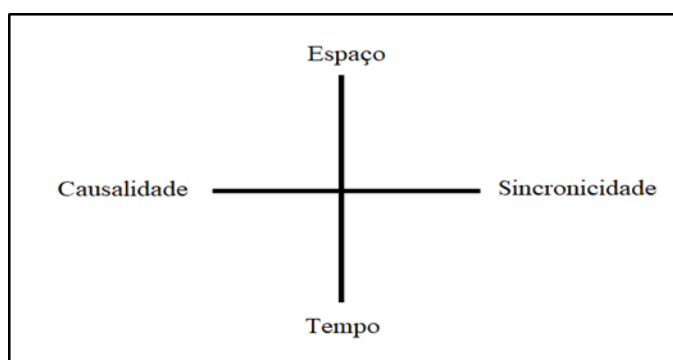
Na minha opinião, os fenômenos psi são contingências além da mera

³¹ 3. The coincidence of a psychic state with a corresponding, not yet existent future event that is distant in time and can likewise only be verified afterward.

probabilidade, coincidências significativas, devido a uma condição especial, isto é, **certa disposição emocional objetiva** [...] as emoções seguem padrão instintivo, ou seja, um arquétipo. [...] **o mundo arquetípico é eterno, isto é, fora do tempo, e está em toda parte, pois não existe espaço sob condições psíquicas.** Onde prevalece um arquétipo podemos esperar fenômenos sincronísticos. (JUNG, 1975/2011, p. 43 - 44, grifos nossos, tradução nossa)³².

Para Jung a sincronicidade não é uma teoria filosófica, mas um conceito empírico, por isso, ele busca traçar paralelos com os estudos da física de W. Pauli. Na carta, referida anteriormente, ele envia para o destinatário dois esquemas, que também estão presentes em seu livro de 1952. Inicialmente, Jung havia proposto um esquema que incluía a sincronicidade como quarto elemento, além do espaço, tempo e causalidade, superando a incomensurabilidade entre o observador e o que é observado, conforme representada na figura a seguir:

Figura 1: Primeiro esquema de Jung, relação entre sincronicidade e os três demais princípios por unidimensionalidade



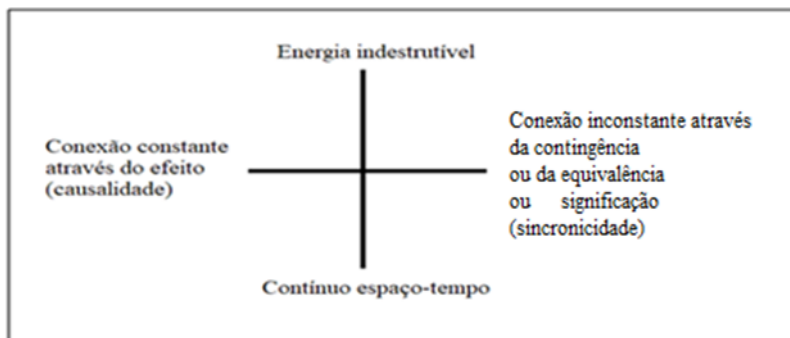
Fonte: Jung (1952/1975, p. 104).

Após indicação de W. Pauli, a sincronicidade é incluída como quarta dimensão, uma conexão inconstante através de contingência, equivalência ou significação, que se oporia a conexão constante por causalidade. Os demais itens seriam o contínuo espaço-tempo e a energia indestrutível. Essa nova proposição, segundo Jung (1952/1975), satisfaria tanto o campo da psicologia quanto o da física. É interessante notar que Jung, não exclui a causalidade, mas sugere um ultrapassar da mesma em determinadas situações. Sobre os aspectos psicóides ou arquétipos, que estariam envolvidos no evento, Jung afirma: “embora estejam

³² I hold, psi phenomena are contingencies beyond mere probability, significant coincidences, due to a special condition, that is, a certain objective emotional disposition [...] the emotions follow an instinctive pattern, that is, an archetype. [...] the archetypal world is eternal, that is, outside of time, and it is everywhere, since there is no space under psychic conditions. Where an archetype prevails we can expect synchronistic phenomena.

associados a processos causais, ou ‘portados’ por eles, contudo estão continuamente ultrapassando os seus próprios limites, procedimento este a que eu daria o nome de transgressividade.” (JUNG 1952/1975, para. 964, tradução nossa)³³.

Figura 2: Segundo esquema de Jung para a sincronicidade.



Fonte: Jung (1952/1975, p.106).

Em carta a Stephen Abrams, de 20 de junho de 1957, Jung retorna às associações entre parapsicologia, eventos acausais (sincronicidade) e arquétipos:

Minha abordagem da parapsicologia foi bem diferente. Em vez de me colocar a questão da verdade estatística em geral dos fenômenos, tentei encontrar uma abordagem psicológica, isto é, responder à pergunta: sob que condições psíquicas ocorrem fenômenos parapsicológicos? No entanto, esta abordagem é igualmente difícil porque exige quantidade incomum de conhecimento da psicologia, sobretudo da psicologia do inconsciente [...] Para lidar com fatos tão complexos, há necessidade de certos padrões hipotéticos que sirvam de comparação. Eu os chamo de arquétipos. (JUNG, 1975/ 2011, p.91, tradução nossa)³⁴.

Em carta a destinatário não identificado, de 30 de maio de 1960, Jung se expressa de forma mais clara sobre a ligação intrínseca entre os fenômenos psíquicos, como a precognição, e o conceito de sincronicidade “A psique não está sujeita, até certo ponto, a categorias. Ela é capaz, por exemplo, de percepção telepática e precognição. Enquanto isso, ela está num *continuum*, fora do espaço e tempo.” (JUNG, 1975/ 2011, p. 561, tradução nossa)³⁵. e completa: “para fundamentação científica dessas questões chamo sua atenção para meu escrito

³³ Although associated with causal processes, or “carried” by them, they continually go beyond their frame of reference, an infringement to which I would give the name “transgressivity”.

³⁴ My approach to parapsychology was quite different. Instead of asking myself the question of the statistical truth of phenomena in general, I tried to find a psychological approach, to answer the question: under what psychic conditions do parapsychological phenomena occur? However, this approach is equally difficult because it requires an unusual amount of knowledge of psychology, especially the psychology of the unconscious [...] To deal with such complex facts, there is a need for certain hypothetical standards that serve as comparison. I call them archetypes.

³⁵ This is proved by the fact that the psyche does not fit entirely into these categories. It is capable of telepathic and precognitive perceptions. To that extent it exists in a continuum outside time and space.

Sincronicidade: um princípio de conexões acausais.” (JUNG, 1975/ 2011, p. 561, tradução nossa)³⁶.

Conclusão

Jung vivenciou eventos parapsicológicos durante toda sua vida, alguns em fenômenos físicos e outros na forma de sonhos e visões. A maior parte de suas formulações teóricas foram influenciadas por suas experiências, assim como, por casos semelhantes que ele acompanhou em sua prática clínica. Para Jung, também era importante que essas vivências pudessem ser embasadas cientificamente, o que ele encontrou nas pesquisas de J. B. Rhine. Portanto, o interesse pela PES foi fundamental para a construção do conceito de sincronicidade.

Na atualidade, o tema ainda não está esclarecido, por um lado, temos uma parcela da comunidade junguiana que quer reduzir o conceito a eventos subjetivos, ou seja, interpretações pessoais que seriam as verdadeiras doadoras de sentido dos eventos observáveis. Por outro, temos a utilização popular do termo, normalmente sem critério. No entanto, eliminar a possibilidade de eventos objetivos anômalos seria um equívoco em relação às fontes primárias da produção de Jung.

Nesse artigo buscamos demonstrar que a sincronicidade possui uma complexidade de eventos em sua estruturação. Poderíamos resumir suas diferentes facetas em três categorias: 1) a sincronicidade por semelhança ou correspondência entre um evento interno e outro externo. E duas categorias que incluem elementos parapsicológicos, 2) sincronicidade como percepção clarividente, e; 3) sincronicidade como precognição. Este último se torna, especialmente, significativo, pois nele está contido a suposição da superação psíquica de tempo e espaço, elementos muito importantes para Jung em sua construção teórica. Consideramos que são necessários mais estudos como este, históricos e conceituais, que demonstrem a vinculação intrínseca entre psicologia analítica e fenômenos *psi*, e que destaquem a complexidade da teoria de Jung.

³⁶ For its scientific foundation I would draw your attention to my "Synchronicity: An Acausal Connecting Principle".

REFERÊNCIAS

- AIZPURUA, J. **Historia de la parapsicologia**. Caracas: Universidad de La Tercera Edad, 1986.
- ALVARADO, C. S. Psychic phenomena and the mind–body problem: historical notes on a neglected conceptual tradition. In MOREIRA-ALMEIDA, A.; SANTOS, F. S. (Eds.). **Exploring Frontiers of the Mind-Brain Relationship**. New York: Springer, 2012, p. 35 – 51.
- BAIR, D. (2003a). **Jung: uma biografia**. vol. 1. São Paulo: Globo.
- BAIR, D. (2003b). **Jung: uma biografia**. vol. 2. São Paulo: Globo.
- CARDEÑA, E. The experimental evidence for parapsychological phenomena: A review. **The American Psychologist**. v. 73, n. 5, p. 663 – 677, 2018. doi: 10.1037/amp0000236.
- CHARET, F. X. **Spiritualism and the Foundations of C. G. Jung's Psychology**. Albany: State University of New York, 1993.
- COLMAN, W. Reply to Wolfgang Giegerich's: a serious misunderstanding: synchronicity and the generation of meaning. **Journal of Analytical Psychology**, v. 57, n. 4, p. 500 – 512, 2012.
- CONNOLLY, A. Bridging the reductive and the synthetic: some reflections on the clinical implications of synchronicity. **Journal of Analytical Psychology**, v. 60, n. 2, p. 159 – 178, 2015.
- FRANZ, M. L. von. **C. G. Jung: seu mito em nossa época**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FLAMMARION, C. **L'Inconnu et les problèmes psychiques**. Paris: Ernest Flammarion Éditeur, 1900.
- GIEGERICH, W. A serious misunderstanding: synchronicity and the generation of meaning. **Journal of Analytical Psychology**, v. 57, p. 500 – 511, 2012.
- GURNEY, E., MYERS, F. W. H.; PODMORE, F. **Phantasms of the living**. London: Forgotten Books, 2011.
- JAFFÉ, A. **From Life and Work of C. G. Jung**. Einsiedeln: Daimon Verlag, 2014.
- JUNG, C. G. Synchronicity: an acausal connecting principle. In JUNG, C. G. **Structure & Dynamics of the Psyche**. Princeton: Princeton University press, 1975. (Originally published in 1952).
- JUNG, C. G. On spiritualistic phenomena. In JUNG, C. G. **The Symbolic Life: Miscellaneous Writings**, 1976. (Originally published in 1905).
- JUNG, C. G. **C. G. Jung Letters 1951 – 1961**. (v. 2). London and New York: Routledge, 2011. (Originally published in 1975).

- JUNG, C. G. **C. G. Jung Letters 1906 – 1950**. (v. 1). London and New York: Routledge, 2015. (Originally published in 1973).
- MACKENZIE, B. Joseph Banks Rhine: 1895 – 1980. **The American Journal of Psychology**, v. 94, n. 4, p. 649 – 653, 1981.
- MAIN, R. **Jung on Synchronicity and the Paranormal**. London: Routledge, 1997.
- MAIN, R. **Revelations of chance: synchronicity as spiritual experience**. New York: State University of New York Press, 2007.
- MANSFIELD, V. Distinguishing synchronicity from parapsychological phenomena: an essay honoring Marie Louise von Franz. **Quadrant, The Journal of Contemporary Jungian Thought**. p. 1 – 12, 1998.
- MANSFIELD, V; RHINE – FEATHER, S.; HALL, J. The Rhine – Jung Letters: distinguishing parapsychological from synchronistic events. **The Journal of Parapsychology**. V. 62, p. 3 – 25, 1998.
- RHINE, J. B. **Extra sensory perception**. Boston: G. W. Poole Printing Co, 1934.
- RHINE, J. B. **New world of the mind**. New York: William Sloane, 1972. (Originally published in 1937).
- RHINE, J. Extra-Sensory Perception: A Review. **The Scientific Monthly**, v. 51, n. 5, p. 450-459, 1940. Retrieved January 27, 2020, from www.jstor.org/stable/17400
- RHINE, J. B. **The reach of the mind**. London: A Pelican Book, 1947.
- RHINE, L. E. Subjective forms of spontaneous psi experiences. **Journal of Parapsychology**, v. 17, p. 77 – 114, 1953.
- RHINE, L. E. **Canais ocultos do espírito**. São Paulo: Best Seller, 1966.
- RHINE, L. E. **The invisible picture: A study of psychic experiences**. Jefferson, NC: McFarland, 1981.
- RHINE, J. B.; HUMPHREY, B. M. A Transoceanic ESP Experiment. **The Journal of Parapsychology**, v. 6, n. 3, p. 52 -74, 1942.
- RHINE, J. B.; PRATT, J. G.; STUART, C. E; SMITH, B. M.; GREENWOOD, J. A. **Extra sensory perception after sixty years**. Whitefish: Literary Licensing, LLC, 1966.
- RHINE-FEATHER, S.; ENSRUD, B. 'JB Rhine'. **Psi Encyclopedia**. London: The Society for Psychical Research, 2018. <https://psi-encyclopedia.spr.ac.uk/articles/jb-rhine>. Retrieved 13 August 2021.
- SCHNEIDER, J. R. Hipóteses em parafenomenologia. **Conscientia**, v. 9, n. 3, p. 256 – 271, 2005.